

Coleção LESTE

Nikolai Leskov

HOMENS  
INTERESSANTES

e outras histórias

*Tradução, posfácio e notas  
Noé Oliveira Policarpo Polli*

editora ■ 34

1.  
A SENTINELA

I

O acontecimento cujo relato oferecemos abaixo à atenção dos leitores é comovente e terrível pelas consequências para a personagem principal da história, e o desfecho do caso é tão original, que algo semelhante dificilmente seria possível em qualquer lugar que não na Rússia.

É uma anedota em parte cortesã e em parte histórica, que caracteriza bem os costumes e a orientação dos anos trinta do século que se encerra, época muito interessante mas extremamente pobre em fatos dignos de nota.

De invenção, no relato entrante, não há nem um tiquinho.

II

No inverno de 1839, perto do Dia de Reis, houve em Petersburgo um forte degelo. Foi um tamanho desnevetimento generalizado, que ficou parecendo primavera: a neve derretia-se, gotejava dos telhados à tarde, e o gelo, nos rios, azulecera e mudara em água. No rio Nievá, bem em frente ao Palácio de Inverno, havia áreas livres de gelo, e profundas. Do oeste soprava um vento morno, mas muito forte: o vento do litoral crispava a água, e os canhões davam salvas.

Traduzido do original russo, de Nikolai Semiónovitch Leskov, *Sobránie sotchiniénii v odínadtsati tomakh* [Obras reunidas em onze volumes], Moscou, Gossudárstvennoie Izdátelstvo Khudójestvennoi Literaturi, 1958.

As notas do autor fecham com (N. do A.); as da edição russa, com (N. da E.); e as do tradutor, com (N. do T.).

A guarda do palácio era feita por uma companhia do regimento Izmáilov, brilhantemente comandado por um oficial jovem e muito bem colocado na sociedade, Nikolai Ivánovitch Miller (posteriormente, general do exército e diretor de liceu). Esse era um homem de orientação, como se diz, “humanista”, a qual se lhe notara havia tempos e que o prejudicava um tanto na carreira, no conceito dos superiores.

Na verdade, Miller era consciencioso e de confiança, e a guarda do palácio, nos tempos de então, não representava nenhum perigo. Era uma época calma e tranquila. Da guarda do palácio não se exigia nada além duma pontual ocupação dos postos de sentinela, mas foi aí, no serviço de guarda do capitão Miller no palácio, que aconteceu um caso extraordinário e alarmante, que quase não costumam recordar os poucos contemporâneos ainda vivos.

### III

A guarda corria bem: postos distribuídos, sentinelas cada uma no seu lugar, tudo em perfeita ordem. O soberano Nikolai Pávlovitch estava bem de saúde, à tarde fora passear de carruagem, voltara ao palácio e recolhera-se. Com ele, adormecera também o palácio. Corria a mais tranquila das noites. No corpo da guarda, reinava o silêncio. O capitão Miller prendeu com alfinetes o seu lenço branco ao espaldar alto e, como é tradição, sempre enebado da poltrona de oficial e sentou-se para matar o tempo com um livro.

N. I. Miller era um leitor voraz e, por isso, não se entediava; à leitura, nem notava o deslizar da noite; mas, de repente, perto das duas da madrugada, foi sobressaltado por um terrível transtorno: a ele apresentou-se o suboficial da ronda e este, pálido que nem um cadáver, todo apavorado, balbuciou, atropelando as palavras:

— Uma desgraça, Vossa Nobreza, aconteceu uma desgraça!

— Que foi?!

— Aconteceu uma terrível infelicidade!

N. I. Miller levantou-se de salto, numa aflição indescritível, e mal conseguiu entender direito em que precisamente consistiam a “desgraça” e a “terrível infelicidade”.

### IV

O caso consistia no seguinte: uma sentinela, soldado do regimento Izmáilov, de sobrenome Póstnikov, durante o seu turno junto à atual entrada Iordánskaia do palácio, ouviu que, no espaço degelado do Nievá à sua frente, se afogava uma pessoa, que gritava desesperadamente por socorro.

O soldado Póstnikov, filho de servos da gleba, era pessoa muito nervosa e muito sensível. Ficou longo tempo a escutar os distantes gritos e gemidos do desgraçado e foi caindo em torpor. Estarrecido, percorria para lá e para cá com o olhar todo o espaço visível da rua marginal ao rio e nem aí nem no Nievá conseguia enxergar viva alma.

Ninguém podia socorrer o infeliz, que estava fadado a afogar-se...

Enquanto isso, o desgraçado continuava a lutar tenazmente.

Parecia que só lhe restava ir para o fundo, sem despendar mais forças, mas não! Os seus gemidos desfalecidos e gritos por ajuda ora se entrecortavam e cessavam, ora novamente se faziam ouvir, e, ademais, cada vez mais perto da margem em frente à sentinela. A pessoa, pelos vistos, ainda não se rendera ao desespero e seguia o rumo certo, indo diretamente à luz dos lampiões, mas, evidentemente, apesar de tudo, não se salvaria, porque precisamente por aquele cami-

nho daria no *prórub*<sup>1</sup> da Iordánskaia. Ali, um mergulho sob o gelo e acabou-se tudo... E de novo o silêncio e, um minuto após, o agitar-se nas águas e os gemidos: “Salvai-me, salvai-me!”. E agora já tão perto que até se podia ouvir o seu debater-se na água...

O soldado Póstnikov ficou a pensar que seria muito fácil salvar aquela pessoa. Era correr até o gelo e o desgraçado ali estaria. Atirar-lhe uma corda, ou estender uma vara, ou oferecer o fuzil, e ele estaria salvo. Ele estava tão perto que conseguiria agarrar-se e saltar para fora. Mas Póstnikov lembrava-se bem do serviço e do juramento: sabia que ele era uma sentinela e que uma sentinela por nada, nem sob nenhum pretexto, abandona o seu posto.

Já por outro lado, o coração de Póstnikov rebelara-se: doía tanto, batia tanto, parava tanto... Vontade de arrancá-lo do peito e pisotear, tamanho o desassossego feito daqueles gemidos e berros... Terrível ouvir outra pessoa morrer, e não dar ao moribundo nenhuma ajuda, quando, propriamente falando, pra isso existe a mais completa possibilidade, porque a guarita não ia fugir do lugar e nenhuma outra coisa de mau poderia acontecer. “Corro ou não corro, hein?... Será que vão ver? Ah, Senhor, termina logo com isto! Outro gemido...”

Na meia hora que aquilo durou, o soldado Póstnikov martirizou-se de coração e começou a experimentar as “dúvidas da razão”. E ele era um soldado inteligente e consciencioso, de raciocínio lúcido, e entendia perfeitamente que abandonar o posto era uma tamanha falta por parte da sentinela, que dava corte marcial na hora, com o lombo depois no corredor das vergastadas e os trabalhos forçados, e quem

<sup>1</sup> Abertura feita com machado no gelo dos rios e lagos para coleta de água, lavagem de roupa, pesca e até banho. (N. do T.)

sabe até “fuzilamento”; mas, vindos do rio avolumado, de novo iam chegando, cada vez mais perto, gemidos e um balbúcio desesperado.

— Ai que me afogo!... Socorro, que me afogo!

Bem onde ficava o *prórub* da Iordánskaia... Fim de tudo!

Póstnikov olhou mais duas vezes para todos os lados. Nem viva alma em nenhum lugar, só os lampiões oscilavam com o vento e tremeluziam, e com o vento chegava, entrecortado, esse grito... talvez o derradeiro grito.

Mais um ruído de água agitada, mais um grito sofrido, e, depois, só *gluglugu*.

A sentinela não aguentou e abandonou o seu posto.

## V

Póstnikov precipitou-se para as pranchas, correu com o coração endoidecido para o gelo, pulou na água e, vendo onde se debatia o infeliz, esticou-lhe a coronha do seu fuzil.

O homem agarrou nela, e Póstnikov foi puxando-o pela baioneta e tirou-o para a margem.

Salvado e salvador estavam inteiramente ensopados, e como o salvado estava terrivelmente exausto, o seu salvador, o soldado Póstnikov, achou por bem não deixá-lo no gelo e conduziu-o para a rua e ficou a ver a quem passar o infeliz. Enquanto isso acontecia, na rua apareceu um trenó, em que estava um oficial do destacamento de inválidos adjunto à corte (depois, dissolvido).

Esse cidadão, que chegava em tamanha má hora para Póstnikov, era, é de se supor, uma pessoa de caráter muito leviano, e para além disso, um tanto atrapalhada, e um descarado dos bons. Ele pulou do trenó e foi perguntando:

— Quem é esse homem... quem são vocês?

— Estava a afogar-se — disse Póstnikov.

— Como assim, a afogar-se? Quem se afogava? E por que estais aqui?

Este virou-se por um instante, e já Póstnikov sumira: ele fizera o “ombros arma” e de novo se postara na guarita.

Deu o oficial ou não pela coisa, o fato é que parou de fazer perguntas e pôs na hora a pessoa salva no seu trenó e foi com ela para a rua Morskaia, onde ficava o posto de polícia do almirantado.

Ali, o oficial declarou ao comissário que a pessoa molhada estava a afogar-se no Nievá, em frente do palácio, e tinha sido salva por ele, um oficial, que tinha arriscado a própria vida.

O infeliz estava todo molhado, com frio e sem forças. Do susto e dos terríveis esforços, caíra em estado de desmemóriação, e para ele não fazia diferença quem o tinha salvo ou não.

O enfermeiro da polícia prestou-lhe cuidados, enquanto no escritório se fazia o protocolo das declarações do oficial inválido, e os agentes da polícia, com a sua desconfiança característica, ficavam a imaginar como é que o militar tinha saído sequinho da água. O oficial, que tinha o desejo de receber uma medalha “por salvar uma pessoa em risco de morte”, explicou isso por uma feliz coincidência, mas explicou de modo incoerente e nada plausível. Acordaram o comissário, mandaram fazer diligências.

Enquanto isso, no palácio, o caso tinha já formado outras correntes, fortes.

## VI

No corpo da guarda do palácio, esses desdobramentos todos após a colocação do quase afogado no trenó do oficial eram desconhecidos. Lá, o oficial e os soldados do regimento

Izmáilov sabiam só que um soldado deles, Póstnikov, depois de largar a guarita, tinha ido salvar um sujeito e que, como isso era uma grande infração às obrigações militares, agora ia sem falta para julgamento e para as pauladas, e que todo mundo de mando, dos comandantes de companhia até o comandante do regimento, todos agora teriam terríveis aborrecimentos, em que não era possível dizer nada nem de objeção nem de justificação.

O molhado soldado Póstnikov, tremendo, nem é preciso dizer, foi na hora tirado do posto e levado para o corpo da guarda; ali, contou francamente a N. I. Miller tudo o que é do nosso conhecimento, e com todos os pormenores, que chegavam até ao passo em que o oficial inválido pôs o quase afogado no seu trenó e mandou o cocheiro tocar depressinha para o posto de polícia do almirantado.

O perigo ia ficando cada vez maior e mais inevitável. Evidentemente, o oficial inválido ia contar tudo ao comissário, e o comissário ia levar o caso ao conhecimento do chefe da Polícia, Kokóchkin, e este cedinho ia prestar contas do serviço ao soberano, e aí o negócio ia “esquentar”.

Não havia tempo para muitas voltas à moleira, era preciso pôr os superiores no meio.

Nikolai Ivánovitch Miller mandou imediatamente um bilhete alarmado ao comandante do seu batalhão, Svíniin, no qual pedia vir o mais depressa possível ao corpo da guarda do palácio e ajudar como pudesse na terrível desgraça acontecida.

Isso foi já perto das três horas da madrugada, e Kokóchkin iria com o relatório ao soberano bem cedinho, de jeito que para todas as cogitações e ações restava pouco tempo.

## VII

O tenente-coronel Svíniin não tinha a compaixão e a brandocoraçõancia que distinguiam Nikolai Ivánovitch Miller: Svíniin não era uma pessoa desalmada, mas sobretudo, e mais do que tudo, era um “caxias” (tipo que hoje em dia é recordado com pena). Svíniin distinguia-se pelo rigor e até gostava de fazer alarde das exigências de disciplina. Não tinha queda para o mal e a ninguém procurava causar sofrimento em vão; mas, se a pessoa infringisse qualquer norma que fosse do serviço, então Svíniin era inexorável. Achava sem cabimento entrar na discussão dos impulsos que dirigiram as ações do culpado e seguia a regra de que, no serviço, toda a culpa é culpada. Por isso, no pelotão de guarda, todos sabiam o que esperava o soldado Póstnikov pelo abandono do posto, que ele aguentaria firme e que Svíniin não choraria pelo fato.

Desse jeito era conhecido esse oficial de Estado-maior pelos superiores e camaradas, entre os quais havia gente que não simpatizava com Svíniin, porque então ainda não sumira totalmente o “humanismo” e outras equívocações. Svíniin não ligava se os “humanistas” o recriminavam ou elogiavam. Pedir e implorar a Svíniin ou até tentar despertar compaixão nele era tempo perdido. Contra tudo isso ele recebera a tèmpera rija das pessoas carreiristas daquela época, mas ele também, como Aquiles, tinha o seu ponto fraco.

Svíniin também tinha uma carreira de serviço bem começada, que ele, claro, defendia escrupulosamente e não media esforços para que nela, qual tal na sua farda de parada, não caísse nenhum grãozinho de poeira; era assim, mas o desatino infeliz de uma pessoa do batalhão a ele confiado ia sem falha pôr uma nódoa na disciplina de toda a sua tropa. Se o comandante do batalhão tinha culpa ou não tinha culpa pelo que fizera um dos seus soldados, levado pela mais nobre

compaixão, lá em cima não iam querer saber aqueles dos quais dependia a bem começada e bem cuidada carreira de serviços de Svíniin, ainda mais que muitos até com gosto lhe poriam um tropeço sob os pés, para abrir caminho para um parente ou empurrar à frente algum protegido, no caso de o soberano ficar zangado e acabar dizendo ao comandante do batalhão que ele tinha “oficiais moles” e que com eles “as pessoas ficaram relaxadas”. E quem fez a trapalhada? Svíniin. E era aquilo o que todos repetiriam, que “Svíniin é mole”, e a pecha de fraqueza ficaria como nódoa indelével na reputação dele, Svíniin. Ele não conseguiria, então, aparecer nem com a mínima relevância entre os seus contemporâneos e não conseguiria deixar o seu retrato na galeria das personagens históricas do Estado russo.

Na época, as pessoas estudavam muito pouco a História, mas, apesar disso, criam nela e de muito bom grado esforçavam-se por contribuir para a sua construção.

## VIII

Tão logo Svíniin recebeu, lá pelas três horas, o bilhete alarmado do capitão Miller, ele levantou-se dum pulo da cama, vestiu a farda e, sob o efeito do medo e da fúria, chegou ao corpo da guarda do Palácio de Inverno. Ele interrogou o soldado Póstnikov e convenceu-se de que a incrível história tinha realmente acontecido. O soldado Póstnikov contou de novo com toda a franqueza tudo o que acontecera no seu turno e o que ele já dissera antes ao seu comandante de batalhão, Miller. O soldado disse que ele “era culpado pra Deus e pro tsar sem misericórdia”, que estava no seu turno e que aí começou a ouvir os gritos duma pessoa no Nievá, sofreu um tempão, ficou um tempão na luta entre o dever de serviço e a compaixão e aí, por fim, veio a tentação pra cima dele

e ele não aguentou a luta: largou a guarita, pulou no gelo e puxou o desgraçado para a margem e ali, para mal dos seus pecados, apareceu, de passagem, um oficial do destacamento de inválidos do palácio.

O tenente-coronel Svíiniin estava desesperado: tirou pra si a única reparação possível no caso, descarregando a sua fúria em Póstnikov, que mandou dali mesmo, na hora, para a cadeia, e depois disse umas mordacidades ao capitão Miller, censurando a sua “humanéria”, a qual não prestava para nada no serviço militar; mas isso tudo não bastava para concertar o negócio. Achar, se não uma justificação, então pelo menos uma desculpa para uma sentinela largar o seu posto era impossível, e restava só uma saída: esconder toda a história do soberano.

Mas era possível esconder um negócio daqueles?

Parecia impossível, já que o salvamento do sujeito era já do conhecimento não só de todas as sentinelas, mas também daquele odioso oficial inválido, que àquela altura já tinha conseguido levar tudo ao conhecimento do general Kokóchkin.

Para onde galopar agora? A quem apelar? A quem pedir ajuda e defesa?

Svíiniin queria pegar o cavalo e ir falar ao grande príncipe Mikhail Pávlovitch e contar-lhe toda a história com franqueza. Manobras dessas, na época, estavam em voga. O grande príncipe podia, pelo seu caráter impetuoso, ficar brabo e gritar, mas o seu feitio e costume eram tais, que, com quanto mais força fosse logo soltando rispidezas e até pusesse a pessoa abaixo do chão, tanto mais depressa ele ficava com dó e intercedia pelo sujeito. Ocasões assim tinham acontecido não poucas, e, às vezes, eram procuradas de propósito. “Palavrões e ralhos não ficam no portão”, e Svíiniin queria muito levar o negócio para essa situação favorável, mas quem ia entrar no palácio no meio da noite e incomodar o grande príncipe?

Agora, esperar a manhã e apresentar-se a Mikhail Pávlovitch depois que Kokóchkin já tivesse ido ao soberano, aí já seria tarde demais. E, enquanto se debatia com tais dificuldades, Svíiniin foi acalmando-se, e a sua inteligência começou a lo-brigar mais uma saída, uma que até então ficara escondida na neblina.

## IX

Entre as manobras militares conhecidas, existe uma que consiste em, no minuto do maior perigo vindo das muralhas da fortaleza cercada, não afastar-se, mas, ao contrário, ir para junto delas. Svíiniin decidiu não fazer nada das coisas que lhe tinham vindo à cabeça de começo, mas ir imediatamente falar direto a Kokóchkin.

Do chefe da polícia Kokóchkin em Petersburgo diziam um monte de horrores e disparates, mas, entre os tantos e os tais, afirmavam que ele tinha um admirável tino multilateral e que, com a colaboração desse tal tino, “sabia fazer um elefante duma mosca e, com a mesma facilidade, sabia fazer uma mosca dum elefante”.

Kokóchkin era de fato muito severo e terrível e metia um medo grande em toda a gente, mas ele, às vezes, fazia olhos grossos pras coisas dos maganões e bons trocistas do meio militar, e olha que de maganões desses existia um monte naquele tempo, e mais duma vez aconteceu deles encontrarem, na sua pessoa, um defensor poderoso e ardente. No geral, ele podia muito e conseguia fazer muito, mas tinha de ter vontade. Era desse jeito que era conhecido por Svíiniin e Miller. Miller também fermentou a coragem do seu comandante de batalhão de ir imediatamente falar a Kokóchkin e confiar-se na sua magnanimidade e no seu “tino multilateral”.

Acordaram o chefe da polícia Kokóchkin e falaram-lhe de Svíniin, que vinha por um assunto importante e urgente.

O general levantou-se imediatamente e foi atendê-lo, esfregando a testa e bocejando, todo encolhido. Tudo o que Svíniin lhe contou ele escutou com muita atenção, mas também com serenidade. Durante todo o tempo de explicações e pedidos de indulgência, ele disse apenas uma coisa:

— O soldado abandonou a guarita e salvou uma pessoa?

— Exatamente isso — respondeu Svíniin.

— E a guarita?

— Durante todo esse tempo ficou sem ninguém.

— Hum... Eu sabia que ficara sem ninguém. Ainda bem que ninguém a levou embora.

A conversa fez Svíniin convencer-se ainda mais de que Kokóchkin estava já ciente de tudo e, claro, já decidira de que maneira, pela manhã, contaria a história ao soberano e que não mudaria a sua decisão. Senão, um acontecimento daqueles, como o abandono do posto por uma sentinela da guarda do palácio, deveria, sem dúvida, deixar o enérgico chefe da polícia muito mais preocupado.

Mas Kokóchkin não sabia de nada. O comissário de polícia, a quem se apresentara o oficial inválido com o quase afogado, não vira no sucedido nenhuma importância especial. Aos seus olhos, aquilo tudo nem era coisa para ele ir incomodar o seu cansado superior tarde da noite e, para além disso, o próprio acontecimento parecia-lhe muito suspeito, porque o oficial inválido estava com a roupa sequinha, sequinha, o que não podia ser para quem tivesse salvado alguém de afogar-se com risco para a própria vida. O comissário via, nesse oficial, apenas um ambicioso e mentiroso, que queria mais uma medalha no peito, e, por isso, enquanto o escrivão apalavrava o protocolo, o comissário retinha o oficial e ten-

tava arrancar dele a verdade, com perguntas acerca dos mínimos pormenores.

O comissário também não estava nada satisfeito com o fato de o negócio ter acontecido na sua jurisdição e o infeliz ter sido salvo não por um polícia, mas por um oficial do palácio.

A calma de Kokóchkin tinha uma explicação simples; em primeiro lugar, o terrível cansaço que sentia naquele momento, depois da correria de um dia inteiro e da participação noturna no apagamento de dois incêndios, e, em segundo, o negócio feito pela sentinela Póstnikov não dizia respeito diretamente a ele, como chefe da polícia.

A propósito, Kokóchkin deu de imediato a ordem correspondente. Mandou ir ao posto do almirantado com ordem para que o comissário se apresentasse sem demora a ele, trazendo o oficial inválido e o quase afogado, e pediu a Svíniin que o esperasse na antessala do gabinete. Em seguida, Kokóchkin foi para o gabinete e, com a porta aberta, sentou-se à mesa e, mal tendo começado a assinar uns papéis, apoiou a cabeça nas mãos e adormeceu.

## XI

Naqueles tempos, na cidade não havia telégrafo nem telefone, e para a correção das ordens das autoridades galopavam, em todas as direções, “quarenta mil mensageiros”, dos quais ficou a eterna lembrança na comédia de Gógol.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Referência à peça *O inspetor geral*, de Nikolai Gógol (1809-1852). (N. do T.)

Isso, lógico, não era rápido como o telégrafo e o telefone, mas, em compensação, punha na cidade uma grande animação e testemunhava a vigilância diuturna das autoridades.

Enquanto chegavam do almirantado o resfolegante comissário e o oficial salvador com o quase afogado, o nervoso e enérgico general pôde cochilar e recompôs-se. Isso via-se na expressão da sua cara e na manifestação das suas capacidades mentais.

Kokóchkin chamou os chegados ao gabinete e convidou também Svíniin.

— O protocolo? — perguntou laconicamente, com voz refeita, Kokóchkin ao comissário.

O comissário entregou-lhe uma folha de papel dobrada e disse baixinho:

— Devo pedir permissão a Vossa Excelência para dizer umas palavras em segredo...

— Está bem.

Kokóchkin afastou-se em direção à janela, e o comissário atrás.

— Que foi?

Ouviram-se o cochicho indistinto do comissário e os claros grasnidos do general...

— Hum... Pois, pois! Mas como é que pode uma coisa dessas?... Pode ter sido isso... Ele insiste que saiu sequinho... Mais alguma coisa?

— Mais nada, Vossa Excelência.

O general voltou à mesa, sentou-se e começou a ler. Ele leu o protocolo para si, sem manifestar nem medo nem dúvidas, e em seguida dirigiu-se diretamente ao salvado com uma pergunta alta e firme:

— Mas como foste cair na água em frente ao palácio, meu caro?

— Peço desculpa — respondeu o salvado.

— Pois então! Estavas bêbado?

— Peço desculpa, bêbado não estava, estava só um pouco bebido.

— Por que te meteste na água?

— Queria cortar caminho, atravessando pelo gelo, mas perdi o rumo e caí na água.

— Quer dizer, um breu diante dos olhos?

— Um breu, e um breu em volta também, Vossa Excelência!

— E tu não conseguiste ver quem te tirou da água?

— Peço desculpa, não consegui. Foi ele, parece.

Ele indicou o oficial e acrescentou:

— Eu não consegui ver, estava cego de medo.

— Pois aí está, ficais por aí a bater pernas, quando deveríeis estar na cama! Olha bem agora e guarda para sempre quem é o teu benfeitor. Uma nobre pessoa arriscou por ti a vida!

— Guardarei por toda a vida.

— O vosso nome, senhor oficial?

O oficial disse o seu nome.

— Ouviste?

— Ouvi, Vossa Excelência.

— Tu és ortodoxo?

— Ortodoxo, Vossa Excelência.

— Anota o nome, para orares pela saúde dele.

— Anotarei, Vossa Excelência.

— Ora aos céus por ele e vai-te daqui: estás dispensado.

O sujeito fez uma profunda reverência e saiu correndo, desmedidamente contente de o terem deixado ir-se.

Svíniin, de pé, estava perplexo com o rumo que a coisa toda tinha tomado com a graça dos céus!

## XII

Kokóchkin dirigiu-se ao oficial inválido:

— Salvou essa pessoa, arriscando a própria vida?

— Exatamente, Vossa Excelência.

— O sucedido foi sem testemunhas, e, pelo adiantado da hora, nem podia havê-las, não?

— Sim, Vossa Excelência, estava escuro, e na avenida do rio não havia ninguém, para além das sentinelas.

— De sentinelas nem se fale; a sentinela guarda o seu posto e não deve distrair-se com nenhuma outra coisa. Eu acredito no que está escrito no protocolo. É o que o senhor declara, não?

Kokóchkin proferiu essas palavras com uma acentuação especial, como se fizesse uma ameaça ou levantasse a voz.

O oficial, porém, não se intimidou e, arregalando os olhos e enchendo o peito, respondeu:

— Palavras minhas e consoantes com a verdade, Vossa Excelência.

— O seu ato é digno de uma condecoração.

O oficial começou a fazer medidas de gratidão.

— Não há por que agradecer — continuou Kokóchkin —, comunicarei o seu abnegado ato ao soberano imperador, e o seu peito talvez ainda hoje seja adornado com uma medalha. Mas agora pode ir para casa, beba alguma coisa quente e não saia para lugar nenhum, que ainda pode ser-nos necessário.

O oficial inválido ficou radiante, fez uma reverência e saiu. Kokóchkin seguiu-o com o olhar e disse:

— É capaz de o soberano querer vê-lo.

— Sim, senhor — respondeu o comissário.

— O senhor está dispensado.

O comissário saiu e, ao fechar a porta atrás de si, por um costume de devoção, imediatamente benzeu-se.

O oficial inválido ficara a esperar pelo comissário, e os dois foram-se juntos, em tratos mais cordiais do que no caminho para lá.

No gabinete do comandante da polícia ficou apenas Svíniin, a quem Kokóchkin primeiro lançou um olhar demorado, fixo, e depois disse:

— Não terá o senhor ido procurar o grande príncipe?

Naqueles tempos, quando se falava de grande príncipe, todos sabiam que se tratava do grande príncipe Mikhail Pávlovitch.

— Eu vim direto ao senhor — respondeu Svíniin.

— Quem é o comandante da guarda?

— O capitão Miller.

Kokóchkin de novo lançou um olhar a Svíniin e depois disse:

— O senhor, parece, antes contou-me uma história diferente.

Svíniin nem sequer entendeu do que se tratava e ficou calado, e Kokóchkin acrescentou:

— Não importa; tenha um bom sono.

A audiência terminara.

## XIII

À uma da tarde, o oficial inválido foi realmente chamado de novo a Kokóchkin, o qual declarou-lhe muito amigavelmente que o soberano estava muito satisfeito de saber que, entre os oficiais do destacamento de inválidos do seu palácio, havia gente tão vigilante e abnegada, e concedia-lhe uma medalha “por salvar uma pessoa em risco de morte”. E

mais, Kokóchkin condecorou de próprio punho o herói,<sup>3</sup> e este foi fazer ostentação da medalha. O caso, então, podia considerar-se acabado, mas o tenente-coronel Svíniin sentia nele sei lá que lacuna e achou-se conclamado a pôr *point sur les i*.<sup>4</sup>

A sua tribulação fora tamanha, que ele passou quatro dias de cama; no quarto levantou-se, foi à igreja, desfiou uma ladainha de graças diante do ícone do nosso redentor e, chegando a casa com o coração sossegado, mandou chamarem o capitão Miller.

— Pois é, graças a Deus, Nikolai Ivánovitch — disse ele a Miller —, a tempestade que estava em cima de nós passou por completo, e o nosso infeliz caso da sentinela arranhou-se direitinho. Agora, parece, podemos respirar sossegados. Isso tudo a gente deve, sem dúvida, à misericórdia divina, em primeiro lugar, e, em segundo, ao general Kokóchkin. Falam por aí que ele é mau e que não tem coração, mas eu só sei agradecer a sua generosidade e admirar a sua presença de espírito e tato. Ele usou dum jeito a gabolice daquele bilontra inválido! E, para falar a verdade, pelo descaramento, era não para agraciar o sujeito com uma medalha, mas arrancar-lhe o couro a chicotadas numa estrebaria, mas não havia outro jeito: era preciso usar o patife para a salvação de muitos, e Kokóchkin ajeitou o negócio com tamanha inteligência, que para ninguém ficou aborrecimento, até pelo contrário: está todo o mundo contente e satisfeito. Cá entre nós, foi-me comunicado por uma pessoa digna de acreditação que o próprio Kokóchkin *estava muito satisfeito* comigo. Ele gostou de eu

<sup>3</sup> No original, em vez do mais apropriado *sobstvennolítchno* (“pessoalmente”), Leskov usa *sobstvennorútchno* (“de próprio punho”). (N. do T.)

<sup>4</sup> Em francês, no original: “os pingos nos is”. (N. do T.)

não ter ido a lugar nenhum, mas direto a ele, e não ter discutido com o patife que recebeu a medalha. Numa só palavra, ninguém saiu perdendo, e tudo foi feito com tamanho tato, que não temos do que ter medo daqui para a frente, mas nós dois temos ainda uma coisinha por fazer. Nós também devemos seguir com tato o exemplo de Kokóchkin e terminar o negócio da nossa parte para evitar qualquer coisa no futuro. Ficou ainda uma pessoa com uma situação que não seguiu todas as formalidades. Eu falo do soldado Póstnikov. Ele ainda está preso na cadeia e, sem dúvida, está a sofrer muito com a expectativa do que vai ser dele.

— Sim, já é tempo! — disse Miller.

— Pois é, e ninguém melhor do que o senhor para fazê-lo: por favor, vá imediatamente para o quartel, reúna o seu pelotão, tire o soldado Póstnikov da reclusão e puna-o na frente de todos com duzentas chibatadas.

#### XIV

Miller ficou muito admirado e tentou mover Svíniin, para a alegria geral, a ter clemência com o soldado Póstnikov e perdoá-lo completamente, posto que já sem punição tinha sofrido muito na prisão à espera do que lhe viria; Svíniin, porém, esquentou-se e nem deixou Miller continuar:

— Não — interrompeu ele —, pode parar, eu acabei de falar-lhe de tato, e lá vem o senhor com falta de tato! Pare com isso!

Svíniin mudou para um tom mais seco e oficial e acrescentou com firmeza:

— E como nessa história o senhor também não está totalmente com a razão e até é muito culpado, porque tem uma delicadeza que não fica bem num militar e esse defeito do seu

caráter se reflete na disciplina dos seus subordinados, então eu ordeno que esteja presente ao castigo e que as chibatadas sejam para valer... com o máximo rigor possível. Para isso, providencie de modo que o castigo seja encargo de soldados jovens dos recém-incorporados, porque todos os nossos veteranos estão contaminados do liberalismo da guarda quanto a isso: eles não açoitam um camarada como deve ser, eles só espantam as pulgas do lombo do sujeito. Irei pessoalmente e olharei pessoalmente como o culpado será “feito”.

Esquivar da ordem que fosse, vinda de um superior, nem precisa dizer, era coisa fora de questão, e o capitão Miller, com o seu coração brando, tinha de cumprir direitinho a ordem do comandante do seu batalhão.

A companhia estava em forma, no pátio do quartel Izmaïlov, do almoxarifado tinham sido trazidas chibatadas em quantidade suficiente, e o soldado Póstnikov, conduzido da cadeia para ali, “foi feito”, com a aplicada colaboração dos seus jovens camaradas recém-incorporados. Os recrutas, gente ainda não estragada pelo liberalismo da guarda, puseram-lhe à perfeição todos os pingos *sur les i* que o comandante do batalhão prescrevera. Na continuação, o castigado Póstnikov foi levado direto dali para a enfermaria do regimento, no capote sobre o qual fora açoitado.

## XV

O comandante de batalhão Svíniin, ao ser informado do cumprimento da punição, foi na hora, paternalmente, visitar Póstnikov na enfermaria e, para o seu agrado, verificou, da maneira mais convincente, que a sua ordem se cumprira à perfeição. O piedoso e nervoso Póstnikov tinha sido “feito como rezava a cartilha”. Svíniin ficou satisfeito e mandou que ao punido Póstnikov fossem dados, em seu nome, uma

libra de açúcar e um quarto de libra de chá, para que ele pudesse aprazerar-se enquanto estivesse em convalescença. Póstnikov, deitado numa maca, ouviu a instrução acerca do chá e respondeu:

— Estou muito sastifeito, vossincelência, agradeço a bonavolência paternal.

E ele estava realmente “sastifeito”, porque, nos três dias passados no cárcere, ele esperara por coisa muito pior. Duzentas chibatadas, nos rijos tempos de outrora, eram pouco em comparação com as punições que as pessoas sofriam por sentença de corte marcial; uma tal punição é que teria sido dada a Póstnikov, se, para a sua dita, não tivessem sido feitas todas as ousadas manobras táticas que foram acima referidas.

Mas o número de sastifeitos com o acontecimento relatado não parou por aí.

## XVI

À boca pequena, o feito do soldado Póstnikov espalhou-se pelos vários círculos da capital, que, naquele tempo de afonia impressa, vivia numa atmosfera de mexericos intermináveis. Nos relatos orais, o nome do verdadeiro herói, soldado Póstnikov, perdera-se, mas, em contrapartida, a epopeia em si inflou-se e ganhou um caráter muito interessante, romântico.

Diziam que dos lados da fortaleza de Pedro e Paulo viera pelo rio um nadador extraordinário, contra quem uma das sentinelas do palácio disparara, ferindo-o, e que um oficial inválido que por ali passava se atirara na água e o salvara, pelo que receberam: um, a devida condecoração; o outro, a merecida punição.

Esse boato disparatado chegou até o palácio do prela-

do, homem cauteloso e não indiferente aos “acontecimentos mundanos” e de benévola simpatia pela devota família moscovita dos Svíniins.

Ao perspicaz prelado era obscura a história do disparo. Que raios de nadador noturno era aquele? Se ele era um cativo em fuga, então por que é que tinham punido a sentinela, que cumprira o seu dever, disparando contra ele, quando este da fortaleza cruzava o Nievá? Se ele, então, não era um recluso, mas uma pessoa qualquer que, portanto, era preciso salvar das águas do Nievá, então como é que a sentinela podia saber dela? Pois então, mais uma vez, era impossível que as coisas tivessem sido como no mundo se tagarelava. No mundo, as pessoas pegam muita coisa de modo extremamente leviano e “dão à língua”, mas quem vive nos mosteiros e nos palácios de prelado encara tudo dum jeito muito mais sério e conhece a verdadeira essência dos assuntos mundanos.

## XVII

Certa vez, quando calhou Svíniin estar na residência do prelado para tomar dele a bênção, o honorável anfitrião veio com a conversa “a propósito do disparo”. Svíniin contou toda a verdade, na qual, como sabemos, não havia nada parecido com o que se dizia “a propósito do disparo”.

O monsenhor escutou o verdadeiro relato das coisas em silêncio, bulindo levemente com as contas branquinhas do seu rosário e sem tirar os olhos de Svíniin.

Quando Svíniin terminou, o prelado proferiu, em manso gorgolejo:

— Assim, é de mister concluir que, no caso em pauta, nem tudo nem em todos os lugares as coisas foram referidas consoante a inteira verdade?

Svíniin titubeou e depois respondeu com a evasiva de

que o relatório do caso ao soberano fora não dele, mas do general Kokóchkin.

O prelado desfiou as contas do rosário por entre os dedos, várias vezes, e proferiu:

— É nosso dever distinguir o que é mentira e o que é meia verdade.

Novamente as contas do rosário, novamente silêncio, e, por fim, a voz em manso fluxo:

— Uma meia verdade não é mentira. Mas isso é o de menos.

— É realmente assim — começou Svíniin a dizer, incentivado. — A mim o que mais incomoda é que eu tive de castigar esse soldado, que, embora tivesse cometido uma infração...

As contas do rosário e o manso fluxo, que agora o cortou:

— O regulamento de serviço não deve jamais ser infringido.

— Sim, mas o soldado fez isso por um impulso de generosidade, por compaixão, e, para mais, com tanta luta e perigo: ele compreendia muito bem que, com a salvação da vida de outra pessoa, estava a arruinar a si próprio. Esse é um sentimento santo, elevado!

— Deus é que sabe o que é santo, e o castigo corporal das gentes do vulgo não sói matar e não contraria nem o costume dos povos nem o espírito da Sagrada Escritura. É muito mais fácil aguentar a vara de salgueiro num corpo rude do que um sofrimento sutil no espírito. Nisso, a justiça não sofreu nem um pouco com o senhor.

— Mas ele nem recebeu uma medalha por salvar uma pessoa da morte.

— Salvar alguém da morte não é mérito nenhum, é, isto sim, um dever. Quem podia salvar e não salvou, está sujeito à punição das leis, e quem salvou, cumpriu o seu dever.

Pausa, as contas do rosário e o manso fluxo:

— Para um guerreiro, sofrer uma humilhação e ferimentos por um seu feito pode ser muito mais útil do que ser exaltado com uma distinção. Mas o que há de mais importante nisso tudo é que é de mister cercar a história toda de muito cuidado e em absoluto, em nenhum lugar, mencionar de quem e por qual motivo se fala.

Pelo visto, também o prelado estava satisfeito.

## XVIII

Se eu tivesse a audácia dos felizes eleitos do céu, a quem, pela sua grande fé, é dado penetrar os mistérios da providência divina, eu talvez me arrojasse a conjecturar que até o próprio Deus devia estar satisfeito com o comportamento da mansa alma por ele dada a Póstnikov. Mas a minha fé é pequena; ela não dá, ao meu intelecto, forças para enxergar algo tão elevado: eu sou aferrado ao terreno e ao carnal. Eu penso nos mortais, que amam o Bem pelo Bem em si e não esperam nenhuma recompensa pela prática dele, nem aqui nem em outro lugar que seja. Essas pessoas francas e firmes, creio, também devem estar inteiramente satisfeitas com o santo impulso do amor e com a não menos santa resignação do manso herói do meu relato, que foi feito com fidelidade aos fatos e sem artifícios.

(1887)

## 2.

### O VELHO GÊNIO

“O gênio não tem idade: ele supera tudo o que detém as mentes comuns.”

La Rochefoucauld<sup>1</sup>

## I

Há alguns anos, veio a Petersburgo uma velhinha, proprietária de terras, que tinha, como ela dizia, “um caso gritante”. O caso era que ela, pela sua bondade de coração e simplicidade, puramente por compaixão, salvara da desgraça um janota da alta roda, hipotecando por ele a sua casinha, que era todo o patrimônio dela, da sua entrevada e aleijada filha e da neta. A casa fora hipotecada em quinze mil rublos, que o janota pegara inteirinhos, com a obrigação de liquidar a dívida no mais curto prazo.

A boa velhinha acreditara nisso, e fora difícil não acreditar, porque o devedor pertencia a uma das melhores famílias, tinha pela frente uma carreira brilhante e recebia boa renda das suas propriedades e bom salário como funcionário público.

A velhinha conhecera a mãe desse senhor e, em nome da velha benevolência, ajudou-o; ele partiu belo e feliz para Petersburgo, e em seguida, nem é preciso dizer, começou a brincadeira de gato e rato bastante comum em tais casos. Decorriam os prazos, a velhinha dava-se-lhe a lembrar por meio de cartas, no início as mais brandas, depois um pouco mais

<sup>1</sup> François La Rochefoucauld (1613-1680), escritor e pensador francês. (N. do T.)